

A CONSAGRAÇÃO DA IGREJA SANTA MARIA ANIVERSÁRIO

Já 36 anos, em 14 de junho de 1981, o então Patriarca da Catedral de Antioquia, SS Mor Zakkai I, de saudosa memória, sacramentou a construção da Igreja Santa Maria. Naquele ano de 1981, o Pentecostes fora comemorado pela Igreja de Antioquia, no mundo todo, no dia 14 de junho e foi naquele domingo, precisamente, 14 de junho que SS comemorava o Pentecostes no Brasil, com a Comunidade Sirian Ortodoxa de Antioquia, aqui em São Paulo, Brasil. Seu segundo maior feito (o primeiro foi a comemoração de Pentecostes) fora a consagração a Deus da Sua Casa, a Igreja Santa Maria.

De lá até hoje, a Igreja Santa Maria, passou por muitos altos e baixos, assim como é toda a vida do ser humano; bispos e padres diversos que vieram do Oriente, em visita a Santa Maria, padres diversos que aqui serviram a Deus e deixaram a sua marca sagrada para a comunidade e finalmente, no ano passado, a Comunidade da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia em São Paulo, teve a honra de receber pessoalmente de SS Mor Afrem II, 123º Patriarca da Catedral de Antioquia, que veio lhe trazer a bênção divina. Em novembro de 2016, SS Mor Afrem II, visitou-nos e proporcionou-nos a honra de ordenar diversos diáconos para ambas Igrejas Siríaco-Ortodoxas em São Paulo, a Igreja Santa Maria e a Igreja São João.

Do arquivo particular, gentilmente cedido pelo Professor Diácono Evangelista Aniss Sowmy, reproduzimos algumas fotos.



Patriarca Zakkai I, consagrou a Igreja Santa Maria em junho de 1981.



Patriarca Afrem II, ordenando diáconos na Igreja Santa Maria, em novembro de 2016.

RITUALÍSTICA - O ÓLEO SAGRADO (1ª PARTE)

Quem assiste a uma cerimônia de batismo na Igreja Siríaca de Antioquia (ou Sirian Ortodoxa) vê que após a cerimônia do batismo pelas águas, a criança é unguida pelo sacerdote com um óleo especial. Assim também quem assiste à consagração dum igreja ou até mesmo dum altar logo observa que há uma cerimônia na qual se unge a igreja como um todo, desde os altares até mesmo as paredes da igreja ou no caso de somente tratar-se dum altar novo, a cerimônia é somente daquele altar porém, aí também, esse será unguido com óleo especial durante a cerimônia. Finalmente, na cerimônia de exéquias dum fiel da Igreja, um cristão finado, existe uma cerimônia especial que é a de unção do finado.

A unção é feita pelo sacerdote que toma dum chumaço de algodão ou linho, sobre o qual entorna um pouco de óleo e enquanto ora (a oração é cantada, portanto ele ora cantando e os diáconos e o povo respondem também com orações cantadas), vai ele fazendo o sinal da cruz com o algodão embebido no óleo, na cabeça, pés, ombros e coração da criança ou adulto (ou ainda do finado deitado no esquite).

Todas essas cerimônias são realizadas por um sacerdote com um óleo especial. Esse óleo, composto de azeite de oliva puro aquecido com ervas balsâmicas de forma que todos os odores se misturam e prevalece um perfume muito sutil, quase imperceptível.

Na nossa Igreja Siríaca de Antioquia, somente o Patriarca (ou Maferiono se houver) pode preparar tal óleo e ele, durante o período de preparo, deverá ficar em oração e é a todo tempo, tanto no preparo quanto nas orações, assistido por bispos e sacerdotes.

Qual o significado dessa cerimônia de unção? Qual a origem?

Ao olharmos as quatro Igrejas Cristãs Basilares, isto é a Igreja de Antioquia (Siríaca), a Igreja (Copta) de Alexandria, a Igreja Romana e a Igreja Bizantina, veremos que a Igreja de Antioquia (Siríaca) e a Igreja de Alexandria (Copta) foram as que introduziram esses rituais no cristianismo. Delas a Igreja Romana e depois a Igreja Bizantina aprenderam e começaram a praticar essas cerimônias. Também foi dessas duas que a Igreja Abexim e a Igreja Armênia aprenderam e praticam até hoje. Da Bizantina todas as Igrejas de orientação grego-bizantina aprenderam (por exemplo, a Russa, Búlgara, Ucrâniana etc) e da Romana, todas as de orientação Romana (por exemplo: a Anglicana, a Luterana etc).

Em princípio, foram os discípulos de Cristo que carregaram essas cerimônias de unção do judaísmo ao cristianismo. Ocorre, contudo, que essa prática não era totalmente compatível com o judaísmo já que a unção, essencialmente, servia inicialmente, apenas para que se unguisse o sumo - sacerdote, o rei e depois, também os finados, todavia, como não havia mais reis unguídos pelos sacerdotes dos judeus, desde que foram levados em cativeiro à Babilônia (609 a 537 a.C.), essa prática teria desaparecido sobrando somente a unção dos finados que eram lavados, unguídos, enrolados em linho e sepultados diretamente sobre a terra ou sobre o chão, tal como aconteceu com Cristo. Quanto à outra unção, a do sumo - sacerdote e dos reis, essa desaparecera e ainda assim, os primeiros cristãos a praticavam! Como isso de restar essa prática entre o povo cristão?

Palavras da Bíblia

E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão e vossos velhos terão sonhos e vossos jovens terão visões.

E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito.

Profecia de Joel - capítulo 2º

RITUALÍSTICA - O ÓLEO SAGRADO (1ª PARTE)

A resposta vem de 3 outras perguntas:

1. Uma parte pode ter entrado no cristianismo, diretamente do judaísmo. Seria ela de origem judaica ou não?
2. A parte que não entrou via judaísmo, por que se a praticava?
3. Qual a origem dessa segunda prática?

O Velho Testamento nos dá algumas pistas sobre a unção do sumo-sacerdote e dos sacerdotes em geral, contudo, não pode o Antigo Testamento ser tomado literalmente como testemunha histórica pois mistura a unção executada com azeite com a aspersão de sangue sobre o sacerdote (Livro de Levítico capítulo 8) o que nos faz crer que se trata da dedicação de sangue de cordeiro do Pessakh judaico (celebração da Páscoa dos judeus que tem por base o Livro de Êxodo capítulo 12). Quanto à unção de pessoas que seriam os reis de Israel, depois Judá e Israel, ainda sendo a mais antiga a do profeta Samuel ungindo Saul (1º Livro de Samuel capítulo 10), historicamente, datado pelos judeus como tendo ocorrido em 1.046 a.C.

Em aceitando o Velho Testamento como relato histórico, logo perceberemos que tanto a unção do sacerdote quanto do rei israelita ocorre depois que os israelitas saem do Egito, ou seja, historicamente, isso deve ter ocorrido por volta de 1.400 a.C. Talvez tenhamos que aceitar o fato que os israelitas, guiados por Moisés, levaram consigo essas práticas copiadas dos egípcios. Ainda assim, dependemos da fé pois, arqueologicamente, somente há os Livros do Mar Morto (Pergaminhos ou Rolos do Mar Morto) que são os livros bíblicos mais antigos e cuja datação é de algo entre o 3º século a.C. e o 1º século do cristianismo, escritos em aramaico.

Quais os registros históricos que temos então?

Começemos pelos egípcios.

O relato histórico mais antigo que se refere à unção de alguém é uma carta da cidade de Amarna (320 km ao sul de Cairo) datada de 1350 a.C. O conjunto de 350 cartas, encontradas em Amarna, estão gravadas sobre tabletes de barro, em cuneiforme, na língua assíria, pois o Egito havia sido invadido por guerreiros semitas chamados “híquissos” (*hyksos* - os arqueólogos europeus preferem essa grafia) que lá governaram por 130 anos (1.650 a.C.- 1.520 a.C.). Eis o teor da carta de Addu-Nirari, apontado como governador pelo faraó Tuthmose III para Amarna, no trecho que cita a unção pelo óleo:

“Manahpiya, rei do Egito, teu antepassado, fez do meu antepassado um rei em Nuhasse. Ele derramou óleo sobre sua cabeça e disse o que segue: “Aquele a quem o rei do Egito fez rei e sobre cuja cabeça derramou óleo...”

(Manahpiya é Tuthmose III antepassado de Amenhotep IV, rei durante o tempo de Addu-Nirari e que se refere a seu antepassado Taku).

Anterior a essa carta de Amarna, não há referência do uso de óleo para unção entre os egípcios o que nos leva a crer que foram os semitas (*híquissos*) que levaram essa prática ao Egito.

Do outro lado do Mar Mediterrâneo, na Síria, mais precisamente em Ugarit (atual Ras Shamra), no século passado, foram descobertas milhares de cartas e textos em tabletes de cuneiforme com escrita assíria e outros já com escrita alfabética, datadas do século 14 a.C. Entre elas há uma carta que faz referência à unção do rei. Esse tablete está quebrado e o que se apurou corre, aproximadamente assim:

“O óleo ... ele jurou que a meu comando ele tomará o trono de seu reinado, o lugar de descanso do trono de seu domínio.”

A interpretação completa que os estudiosos dão é que o rei-chefe (ancião) apontou um general para fazer a guerra e destronar algum usurpador local e esse general fora apontado através da unção de óleo.

[É interessante observar que todo chefe de cidade ou cidade-estado a qual tinha alguma influência no poder e na cultura de outras cidades, era chamado de rei - **malek** nos idiomas: assírio, fenício e aramaico e neste também se usa o termo **malêko**; porém, quando, ainda no estágio tribal, o chefe da tribo era o anci-

RITUALÍSTICA - O ÓLEO SAGRADO (1ª PARTE)

ão (**qaxixo**, em aramaico) da tribo, pois, o mais velho da tribo conhecia os caminhos para conduzir a tribo de um local a outro, atravessando campinas, florestas, montanhas e desertos e isso deixou sua influência até nossos dias, pois os anciãos deveriam ser os conselheiros dos governos já que eles possuem experiência. É daí que vem o título de “senador”, ou seja: “o velho” (*senador* provém do latim: *senator* que significa “idoso”). Já vimos que nas línguas semitas, o som de “x” (xiz) quando passa para o grego pode se transformar em “ks”, daí “híksos”, ou seja: “*ha qaxix*” quer dizer “o idoso” em fenício. Os gregos, ouvindo a história dos egípcios que lhes contam das invasões dos semitas liderados pelos seus anciãos, quando chegam a essa parte, escrevem “hiksos”.]

Como vemos até aqui, enquanto os israelitas vivem em tendas e seus chefes são pastores de ovelhas e bodes e burros; enquanto alguns são ungidos chefes-guerreiros, seus sacerdotes são ungidos com óleo e sangue de ovelhas, ou seja, ainda são nômades; outros semitas, como os assírios e fenícios são sedentários, habitam casas e palácios construídos com pedras ou tijolos e estão em estágio cultural mais complexo, ou mais avançado. Devemos pesquisar estes outros semitas, pois não será do Antigo Testamento dos israelitas que obteremos informações precisas, é desses outros semitas que seria a origem da unção com óleo sagrado e teremos um entendimento do que é o óleo sagrado, desde sua origem.

Ensinaamentos de Nossos Mestres

Nós já falamos sobre a liberdade e o desejo, no trabalho que compusemos (sob o título) *O homem é um microcosmo... O conhecimento é o motor do raciocínio; o pensamento viriliza e fortifica o raciocínio; a inteligência regula sua exteriorização em direção a um ato de virtude, de sabedoria, de entendimento e da palavra correta do discernimento da lógica.*

(Mor Ahodemmech – séc. VI d.C.)

(“*TRAITÉ D'AHODEMMEH SUR L'HOMME* in: *Patrologia Orientalis*”. Paris, 1909)

CULTURA ORIENTAL - O ESTILO POÉTICO DE MOR AFREM

(CONTINUAÇÃO DE SURYOYE NR 82)

Éfrem, o Siríaco, ou **mor Afrem**, já em sua época, conhecedor nativo do idioma aramaico que se alastrara por todo o Oriente havia mais de um milênio antes dele (e que permaneceu por praticamente outros novecentos anos após ele), sabia da estrutura etimológica e a aproveitou muito bem no formalismo poético.

Antes de sentirmos toda a beleza da poesia de **mor Afrem** e até a apreendermos, devemos entender um pouco melhor o formalismo que regia a poesia da língua aramaica e que rege até hoje o formalismo da poesia ocidental em geral. Esse formalismo teve seu ápice com o formalismo russo no primeiro quartel do século passado e refle-

CULTURA ORIENTAL - O ESTILO POÉTICO DE MOR AFREM - PARTE II (CONTINUAÇÃO)

tiu-se pela escola francesa formalista que atingiu o Brasil na segunda metade do século passado. Não foi, contudo, com os russos que iniciou esse movimento, apenas o estudo sistemático é que teve um grande desenvolvimento com a escola moscovita (entre 1910 e 1930), de lá, alguns mestres refugiaram-se em Praga (capital da antiga República de Checoslováquia) que fervilhava culturalmente na Europa havia quase um milênio e o movimento formalista tomou novo corpo com o Círculo de Praga (em 1925), o qual perdurou até os nazistas vindos da Alemanha durante a 2ª Guerra Mundial tomarem Praga (1939). Afinal, Rússia e Checoslováquia utilizavam variações muito próximas do mesmo idioma, o eslavo. Quando a guerra acabou e a Checoslováquia foi invadida e dominada pelo governo soviético da Rússia (1948), os lingüistas e críticos literários do Círculo de Praga fugiram para a França e, de lá, alguns emigraram aos Estados Unidos da América do Norte. Entre esses, estava um dos maiores mestres formalistas russos, Roman Jakobson que depois viria a ser o presidente da Academia de Linguística Norte-Americana.

Um professor universitário na França, Tzevetan Todorov, búlgaro de nascimento, traduziu ao francês os originais russos que escreveram a teoria do formalismo e Dionízio de Oliveira Toledo traduziu da língua francesa, esse trabalho, ao português. Essa é a história contada rapidamente do formalismo literário e sua chegada no Brasil.

Desta teoria vamos nos deter um pouco na parte da poesia. Alguns pontos que chamam a atenção são:

- 1) uma obra deve ser estudada em função de sua qualidade literária, daquilo que constitui seus traços característicos de objeto de arte literária. Não em função da biografia do autor ou da presunção do que sentia o autor (estado de alma). Estes traços característicos estão no próprio texto, são imanentes a ele. Para isso, é necessário compararmos a linguagem da obra literária enquanto arte com a linguagem cotidiana. Assim, temos as componentes fono-estilísticas da obra: ritmo, cesura, relação de ritmo com sintaxe, eufonia, métrica, sonoridade (frequência de uso de vogais,

consoantes e palavras) etc.

- 2) devemos, além destas características, observar as imagens, as metáforas, a fraseologia da obra.

Após essa análise (analisar significa “decompor”) será necessário reunir todos os nossos pensamentos e teremos, não uma somatória de elementos, mas, uma nova dinâmica, uma nova correlação que integrará nossos pensamentos com a obra literária, fazendo com que seja perceptível a integração entre a forma e o significado da obra e que a forma seja única para aquela obra literária.

Da perspectiva dessa análise, aí sim, o observador poderá deduzir o que o autor queria dizer, nos mais diversos níveis de compreensão; perceberá o observador (e agora com senso crítico) se o artista o estaria levando (levando o leitor) num ênlevo, num torpor ou se quebrou o torpor e levou-o ao pensamento lógico; e mais ainda; se interrompeu tal torpor, como o fez artisticamente? por qual elemento, por qual característica da literalidade? E finalmente, se isso foi refletido no significado, porque se o não foi, então o artista (autor / poeta) perdeu a autenticidade.

Visto que estamos trabalhando com a poesia de **mor Afrem** vamos partir para uma rápida comparação com uma poesia de sete séculos posteriores, isto é com algo já sedimentado como sendo poesia, em aramaico e no caso, com duas estrofes dum poema de **Ghreghorious bar A'ebroio**, cuja biografia e obra foi vista, de forma sucinta em número passado de **Suryoye**. No caso de **mor Afrem**, utilizaremos a letra dum hino cantado antifonicamente na Igreja Siríaca de Antioquia, desde seu tempo (século IV do cristianismo).

(N.E.- sugestão é que se leia em voz alta, sem preocupação com os significados, somente levando em conta os sons)

Ghreghorious bar A'ebroio:

Lēmún akërítón hono kúle málak máuto
Uádëlo ráhëme prá'aton hode kúlo bixëto

CULTURA ORIENTAL - O ESTILO POÉTICO DE MOR AFREM - PARTE II (CONTINUAÇÃO)

Lëxemëxo dëzävëno ualënahíro ussomëko da'íto
Lëríxo dënáféxo unáfëxo dërúhu urúho tríssëto

Lëfíro dëlebo uháie dëháie unúhëro dëbovëtho
Láqëdux qüdëxe uázëhe regëxe urúho hëdáttho
Dëbárttoi menan uáhüoth qíntan evëlonótho
Ármit togán bärë'o ussáheft qárnan romtho

Comparemos agora com essas estrofes do hino de
mor Afrem:

Súm Sáumo dárbe'ín yáumin
Uháv láhëmok láino dëkáfín
Ussálo byiáumo xëvã'a zävënin
Ák dyílefët men bär yíxai

Som múxe árbe'ín yáumin
Uelío árbe'ín yáumin
Som moran árbe'ín yáumin
Uázëko lëvíxo be'elëdáro

Observações:

- 1) para que a pronúncia fique bem próxima da pronúncia do aramaico, foi incluída a vogal “e” com trema (ë) que tem duração muito curta em relação às vogais normais, quase imperceptível para o ouvinte.
- 2) as vogais, em aramaico, são pronunciadas fechadas, isto é, como se houvesse um acento circunflexo sobre elas.

Não nos detenhamos no significado. Acompanhem apenas o ritmo, a acentuação e a cesura nas estrofes de **bar A'ebroio** (os europeus chamam-no de **bar hebraeus**). Observemos como ele não quebra a cesura, o ritmo; e mais, ainda faz um balan-

ço, intercalando 4 sílabas entre as primeiras 4 sílabas e as últimas 4 sílabas de cada verso (no primeiro verso, por exemplo, ele intercala *hono kúle* entre *Lëmún akërítton* e *málak máuto*), e vai assim por toda a estrofe, aliás, não reproduzimos todo o poema, porém assim segue por mais que 60 versos, por toda essa poesia). Qual o efeito disso no ouvinte? É fácil perceber que a tentativa é de levar o ouvinte a um estado hipnótico, a um sonho. Não é preciso complementar que os versos desse poema são dodecassílabos (12 sílabas), conforme contagem oriental (é diferente da contagem das línguas ocidentais, os assírios e outros povos orientais contam até a última sílaba, mesmo que essa seja átona) e isso, por si só, já dá uma sensação de equilíbrio e monotonia, neste idioma aramaico, o utilizado nessa poesia.

Estudemos agora, um pouco as duas estrofes de **mor Afrem**.

A primeira diferença é que os versos de **mor Afrem** são heptassílabos (7 sílabas, conforme contagem assíria e outros povos orientais) e com isso, não existe equilíbrio (não é possível achar a sílaba ou a palavra “do meio”).

Isso nos leva a contar verso por verso e verificar a cesura e o ritmo. Então encontramos uma situação que nos choca:

Na Primeira Estrofe temos a seguinte seqüência de divisão de sílabas nos versos: 3+4; 3+4; 4+3 e 3+4

Na Segunda Estrofe temos a seguinte seqüência de divisão de sílabas nos versos: 3+4; 3+4; 3+4 e 4+3; ou seja: **Afrem** quebra o ritmo “no meio” da 1ª estrofe (3º verso) porém, no verso final volta ao ritmo original. Depois, na 2ª estrofe, quando pensamos que ele voltou ao ritmo original, no final, no último verso, ele, de novo, quebra o ritmo e não há mais retorno nessa estrofe.

Realmente, **Afrem** não quer nos hipnotizar com o ritmo, não quer que entremos num estado de espírito alterado; ele quer mesmo é manter-nos atentos o tempo todo!

Seria somente coincidência ou ele fez isso de propósito?

Então vejamos outra estrofe do mesmo hino:

CULTURA ORIENTAL - O ESTILO POÉTICO DE MOR AFREM - PARTE II (CONTINUAÇÃO)

Lo teqne dáhëvo ussímo
Sámo dëmáuto bēhun símo
Qēní lok iulēfono hēlímó
Dētehue men morok rēhímó.

Agora a contagem silábica dos versos, de acordo com a cesura é: 3+4; 4+3; 2+5; 5+2. A cesura muda a cada verso porém, o segundo é simétrico do primeiro e o quarto é simétrico do terceiro.

Parece que ele realmente não quer nos hiponitzar, não quer que sejamos embalados pelo ritmo, quer nos manter atentos.

Vejam os mais outra estrofe desse mesmo hino

Bēháuno dákio porúxo
Násseq xúvêho utaudítho
Lávo ulábro urúh qúdēxo
Hád aloho xaríro.

Nesta estrofe, a contagem é: 4+3, 2+5, 2+5, 4+3. Totalmente diferente das outras.

Realmente, a cesura e o ritmo nos mantem atentos.

Quem, na vida real faz isso? Quem, na nossa vida fez isso?

A resposta é: quem quer nossa atenção e faz assim porque quer que entendamos algo, quer que compreendamos o que está nos ensinando. Assim faz **mor Afrem**, ele quer que fiquemos atentos e aprendamos.

Passemos agora aos significados destas seis estrofes.

bar A'ebroio:

“Por que nos entristeces por tudo isso ó anjo da morte?

E sem piedade nos recompensas com toda essa maldade?

Ao Sol (deste) tempo e ao Astro e Pilar da Igreja

À cabeça d'alma e alma do espírito e o espírito correto

Ao fruto do coração e vida da vida e luz da pupila (=do olho)

Ao Santo dos Santos e sentimentos puros e espírito novo

Levaste-o de nós e transformou-se nosso hino em lamentação

Arremeteste nossa coroa ao chão e derrubaste do alto nossa vitória”

(esse poema é uma elegia que **bar A'ebroio** escrevera a seu mestre, Patriarca **Youhanon bar Ma'adani**, falecido naqueles dias)

mor Afrem

“Jejua o jejum dos 40 dias (=quaresma)

E dá o teu pão a quem tem fome

E reza ao dia 7 vezes

Como aprendeste do filho de Jessé”

“Jejuou Moisés 40 dias

E Elias, 40 dias

Jejuou Nosso Senhor 40 dias

E derrotou o malvado, o chefe do inimigo”

“Não adquiras ouro e prata

Veneno mortal neles é depositado

Adquire para ti o ensino são

Para que sejas, pelo Senhor Deus, amado”

“Com mente pura, ó entendedor

Levanta glória e agradecimento

Ao Pai e Filho e Espírito Santo

Um só Deus Real”.

(essas estrofes são parte duma oração que se reza por toda a Quaresma).

Algumas observações sobre os significados em aramaico:

1) **Jejum**, para um oriental é o período do dia que

ORAÇÕES DIVERSAS

Oração pelos apóstolos Pedro e Paulo

Glória ao Filho de Deus que sobre o mar e a terra comanda,
E seres humanos simples escolheu para serem seus pregadores:
Do mar escolheu a Pedro e das estradas a Paulo,
E deles fez arquitetos para a Santa Igreja!

Oração pelo apóstolo Tomé

Bem aventurado és ó apóstolo Tomé! A que honra chegaste!
Pois com tuas mãos capturaste ao Astro que ilumina a terra com Seus raios
E teu dedo colocaste na Fonte Santa que jorra ao mundo Vida e Salvação,
E confessaste que Ele é Deus e Filho Eterno que do Pai provem,
E retumba por todos os lados o som da voz de tua fé
E eis a Igreja uníssona com seus filhos Contigo clama:
Sem dúvida és meu Senhor e meu Deus!

Oração pelos doze apóstolos

Bem aventurados sois ó servos da verdade e apóstolos de Jesus nosso gladiador!
Pois sob Seu comando recebestes a dádiva do Paracleto!
O Milagre dos altos recebestes, fonte de vida e cura
E com Ele batizastes a todos os povos em nome da Trindade!

Pela oração de Teus apóstolos firma a Igreja!
E protege-a de qualquer impiedade!
E propaga a concórdia por toda terra
Para Te agradecermos a todo momento!

ORAÇÕES DIVERSAS

Oração pela Assunção de Nossa Senhora

Os céus e a terra se alegraram com teu passamento ó Mãe da Luz!

Os anjos no alto recebem tua alma e os humanos perplexos acompanham teu corpo!

Pede a Teu Filho que a Seu encontro te chamou

Que perdoe nossa Igreja!

Se teu corpo está longe de nós, ó Santa,

Tuas orações estão conosco em todos os momentos!

Àquele Milagre secreto que em ti desceu,

Implora-Lhe, ó Santa, que a nós perdoe!

Palavras da Bíblia

E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso e encheu toda a casa em que estavam assentados.

E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.

E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

Atos dos Apóstolos - capítulo 2º

Significado de Nome

O nome Adão é uma modificação do nome **Adam** do assírio-aramaico. Como todos os nomes orientais, esse também possui um significado. **Adam**, no assírio-aramaico ocidental é lido como **O-dom** e significa “barro”. Hoje, os assírios utilizam a forma feminina para indicar “barro” e dizem **odamto**. Afinal, Deus havia tomado um pouco de barro e dele fizera o ser humano.

Leitura recomendada: -Gênese, capítulo 2

ORAÇÃO INICIAL

a'al tara'aik a'ito

nodyre qoimin

bëlílio uvimomo

men bixo nodtrin

xeme'um xetesêtho

ufaulos ardikhêlo

uíuhanon da'avid xauexbino urohêmo

haleluia uhaleluia

uafrem kenoro dëruho qadixo.

حلا لاؤحص حبالا.

لهؤا صبح

حلكلا حاصملا

مع صبا لهؤب.

مصمءا علائملا.

هفءهءا اؤوبلا

هسء وحبب ههءملا هؤملا.

هاللملا ههاللملا

هافرم كنا وؤهلا وهههءا.

مع حلا مقنلا هههءا هههءا - هههءا وحبب حبالا. اؤوبلا. اؤوبلا

هههءا هههءا هههءا

حلا هههءا وه هههءا: اؤوبلا هههءا وههءا: وحببلا وههءا اؤوبلا

كئفلا... هههءا وههءا: هههءا وههءا. هههءا هههءا: هههءا هههءا

هههءا. هههءا هههءا هههءا: هههءا هههءا وههءا. هههءا هههءا.

هههءا. هههءا هههءا وههءا وههءا...

(هههءا وحبب وههءا وههءا وههءا - وههءا وههءا)

اههءا مع حلا وههءا هههءا. هههءا

("TRAITÉ D'AHOUDEMMEH SUR L'HOMME in: Patrologia Orientalis". Paris, 1909)

خَلِّصْ مِنْ دُونِكَ حَتْمَكَ

مَنْحَ كُفْرَتِهِ أُمُورٌ وَهِيَ خَلَا مُلَا حَقِّهِ: هَبْلَاحِي حَتْمِ عَجْبُاجِي: هُفْتَحَمِ
شُكْرًا تُسَكَمِي: هَحْكَمْتَمِي شَرُوتًا تُسَمِي:

هَأَف. خَلَا حَجْبًا هَخَلَا إِتْمُوتُ أَلِ أُمُورٌ وَهِيَ حَتْمُوتُ أَلِ هَمِي ❖

نَحْمُوتُ هَمِي أَلِ - مَعْلَمِي وَت ❖

مَكَاتَمِي وَتَمِي نَك دَك عَمَلَا نَك مَكْتَمَلَا دَكِي، كَفَنَمِي

(Estilo Poético de Mor Afrem)

مَامَنِي وَتَمِي نَحْمُوتُ حِي حَتْمًا مَعْلَمًا مَعْمَمِي وَفَلْمِنِي حِي مَحْمَمِي

- | | |
|---|---|
| (1) حَمَمِي أَمَنِي أَمِي حَمَمِي مَلَامِي مَعْلَمًا | (2) حَفَاوًا وَحَطِ سَتَا وَتَمِي سَتَا مَعْمَمِي وَحَمَلًا |
| هَوَلًا وَتَمَمِي فَمَحَلًا هَمِي وَحَمَمِي حَمَلًا | حَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي وَتَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| حَمَمَمِي وَحَمَلًا مَحْمَمِي مَعْمَمِي وَحَمَلًا | وَكَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي أَمَمَمِي |
| حَمَمَمِي وَتَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | أَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي... |

مَامَنِي وَتَمِي مَحْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي وَتَمَمِي

- | | |
|---|---|
| (1) مَحْمَمِي مَعْمَمِي وَتَمَمِي مَعْمَمِي | (2) مَحْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| هَمَمَمِي حَمَمَمِي لَمَمَمِي وَتَمَمِي | هَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| هَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | مَحْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| أَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | هَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |

- | | |
|---|---|
| (3) لَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | (4) حَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| مَحْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | لَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| وَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | سَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي |
| أَمَمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي | |

مَحْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي
مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي مَعْمَمِي

בְּלִיַּת הַבְּרִית

הַבְּרִית הַשְּׁמִיטָה וְהַבְּרִית הַיְהוּדִית

וְהָיָה כִּי יִשְׁמַע הַיְהוּדִי אֶת הַקּוֹל וְהָיָה
 חַיָּתוֹן בְּיָמָיו מִפְּחָד הַיְהוּדִים. וְהָיָה כִּי יִשְׁמַע
 אֶת הַקּוֹל וְהָיָה חַיָּתוֹן בְּיָמָיו מִפְּחָד
 הַיְהוּדִים. וְהָיָה כִּי יִשְׁמַע אֶת הַקּוֹל

וְהָיָה כִּי יִשְׁמַע אֶת הַקּוֹל וְהָיָה
 חַיָּתוֹן בְּיָמָיו מִפְּחָד הַיְהוּדִים.
 וְהָיָה כִּי יִשְׁמַע אֶת הַקּוֹל וְהָיָה
 חַיָּתוֹן בְּיָמָיו מִפְּחָד הַיְהוּדִים.

הַבְּרִית הַשְּׁמִיטָה

וְהָיָה כִּי יִשְׁמַע הַיְהוּדִי אֶת הַקּוֹל וְהָיָה
 חַיָּתוֹן בְּיָמָיו מִפְּחָד הַיְהוּדִים. וְהָיָה
 כִּי יִשְׁמַע אֶת הַקּוֹל וְהָיָה חַיָּתוֹן בְּיָמָיו
 מִפְּחָד הַיְהוּדִים. וְהָיָה כִּי יִשְׁמַע אֶת הַקּוֹל
 וְהָיָה חַיָּתוֹן בְּיָמָיו מִפְּחָד הַיְהוּדִים.

מִפְּחָד הַיְהוּדִים - יְהוּדִים.